Vida, obra e construção de engajamento de Assia Djebar na Guerra de Independência da Argélia (1954-1962)

Bruna Perrotti

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Gomes

Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Pesquisa realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

RESUMO: Assia Djebar viveu o contexto turbulento da Guerra de Independência da Argélia nos anos iniciais de sua carreira em que trabalhou como jornalista colhendo testemunhos de mulheres refugiadas da guerra para o jornal oficial da Frente de Libertação Nacional *El Moudjahid.* Essa pesquisa analisou duas de suas obras do período: *La Soif* (1957), escrita antes da experiência no jornal e *Les Enfants du Nouveau Monde* (1962), escrita depois. Os dois romances abordam, cada um a sua maneira, o cotidiano de mulheres nos anos da guerra, tendo o segundo respondido aos escritos de Fanon (na obra *L'an cinq de la revolution algerienne*) sobre a situação das mulheres na sociedade argelina e as condições de sua participação nos conflitos. A partir dos questionamentos levantados pela trajetória biográfica de Djebar em seus anos inicias e os dois romances analisados, buscamos reconstituir a trajetória de engajamento da autora bem como algumas das tensões que as mulheres argelinas vivenciaram no período, devido a campanha de "emancipação"; empreendida pela administração colonial e a situação de inclusão/exclusão das mulheres na luta anticolonial. Nos alinhamos assim a perspectivas de autoras como Spivak e McClintock que nos propiciam pensar uma versão alternativa sobre o local da mulher daquela propagada por textos nacionalistas do período escritos majoritariamente por homens.

INTRODUÇÃO:

A Guerra de Independência da Argélia é lembrada como um dos mais violentos processos revolucionários de descolonização africana, tendo como marco inicial novembro de 1954, quando o movimento da Frente de Libertação Nacional (FLN) sistematiza ataques aos edifícios coloniais. A guerra duraria oito anos até as negociações de paz e o reconhecimento da independência argelina pela França em 1962. Os cento e trinta anos de colonização francesa na Argélia tem muito a responder pela violência deste processo. A colonização argelina ficou marcada pelos grandes contingentes populacionais que imigravam da França, conhecidos como "*pied-noirs*". Para o povo argelino, isso significou uma ameaça em diferentes esferas aos seus modos de vida: sofreram com a perda das terras cultiváveis, foram marginalizados espacialmente dos centros urbanos para as periferias e incentivados a renunciar ao estatuto muçulmano em troca da cidadania francesa. Além da violência social e cotidiana, enfrentavam um aparato forte de repressão física. O massacre de Sétif, em maio de 1945, pode ser citado como um marco na memória social argelina. Yasbeck destaca esse momento da história argelina, assim como os desenvolvimentos políticos e diplomáticos que sucedem o massacre, como responsáveis pela percepção da impossibilidade da conquista da autonomia argelina pela via legislativa. A partir de 1947 as resistências armadas emergem como solução, o destaque é para a FLN que, criada nesse mesmo ano, aglutina outros movimentos e consegue coordenar o início da guerra.

A literatura argelina francófona no período da guerra se engaja profundamente na construção de nacionalismos e propagação ideológicas anti-coloniais; a essa altura, ela já se consolidava há três décadas, desde meados de 1920, a questão da busca identitária se coloca e atinge uma expressão mais madura a partir de uma segunda geração, que publica no período

da Segunda Guerra Mundial e da Guerra de Independência da Argélia, chamando atenção da crítica internacional. A romancista Assia Djebar parece ter sido a terceira argelina a publicar um romance (após Taos Amrouche e Djamila Debeche), e a única com publicações nesse período da guerra de independência. Seu primeiro romance, *La Soif* (1957), a insere nessa segunda geração e a comparação era inevitável, *La Soif* e *Les Impatients,* (1958) foram então mal recebidos pela crítica argelina da época: dois romances centrados na experiência de mulheres argelinas ocidentalizadas pareceram aos críticos nacionalistas um exemplo de alienação política. Parte dessa "falta de engajamento" resultava da recusa da crítica em considerar como *políticos* temas da esfera privada ou que dizem respeito apenas à situação das mulheres.

A preocupação central de Djebar em retratar os conflitos em que se encontrava a mulher argelina na situação colonial é inicialmente uma questão autobiográfica, mas, como aponta a crítica Evelynne Accad, faz parte do seu processo de maturação como romancista o deslocamento do *Eu* para uma abrangência que a permite dar voz às mulheres que compõem, em sua pluralidade, a sociedade em que se insere, e é nos primeiros anos de sua carreira que vemos a construção inicial desse processo, sua terceira obra *Les Enfants du nouveau monde* (1962), mostra uma preocupação da autora em não só destacar experiencias de mulheres fora de seu circulo social, mas também registrar o engajamento feminino durante a Guerra de Independência, motivo pelo qual parte da crítica passa a reconhecê-la. Atualmente é um consenso a grande contribuição da obra de Djebar para a literatura. Não só na Argélia, como internacionalmente, Djebar é tida como uma das maiores escritoras do Magrebe. Durante toda a sua carreira, Djebar tentará atingir essas mulheres e contemplar aquilo que Spivak considera como a maior função da intelectual pós-colonial: a criação de espaços de fala para que as mulheres sejam realmente ouvidas. A autora teve suas obras traduzidas para mais de vinte idiomas e, no entanto, é ainda consideravelmente mais conhecida pelo público francófono e anglófono. Em Portugal, teve uma única de suas obras traduzida, *A Mulher sem sepultura* (2008) e, no Brasil, apenas seu primeiro romance (*La Soif)* ganhou tradução, permanecendo então pouco lida em nosso meio. Nesse sentido a pesquisa se insere não apenas na onda de estudos históricos sobre África dos últimos anos após a promulgação da lei 10.639, mas também em um movimento de ampliação desses estudos para além dos contextos lusófonos, buscando ainda uma ênfase do protagonismo feminino na história e contribuindo para uma maior visibilidade da literatura feminina africana.

OBJETIVOS:

A partir da análise de *La Soif* (1957) e *Les Enfants du nouveau monde* (1962)*,* bem como da trajetória biográfica de Djebar até o fim da Guerra de Independência, a pesquisa buscou reconstituir algumas das tensões que permearam o processo de engajamento da autora, bem como de outras mulheres nos conflitos, assim como objetivos específicos tivemos:

a) investigar o processo de construção da autora como intelectual e seu engajamento na causa da independência;

b) investigar a situação e a participação das mulheres argelinas no período da guerra;

c) observar a particularidade da escrita feminina em suas obras: como ela afeta o lugar das obras frente aos discursos nacionalistas vigentes período?

RESULTADOS:

A vida e obra de Assia Djebar durante os conflitos saltam aos olhos quando buscamos produções de mulheres durante a guerra de independência da Argélia. No início da guerra, em novembro de 1954, Djebar havia acabado de se mudar para Paris e se preparava para entrar na Escola Normal de Sèvres onde estudaria História nos próximos anos. A autora, entretanto, não chega a concluir sua formação e é expulsa da instituição por ter aderido à greve geral convocada pela FLN. Seus dois primeiros romances *La Soif* (1957) e *Les Impatients* (1958) foram publicados ainda em Paris, nos mesmos anos da campanha de "emancipação" empreendida pela administração colonial e o governo francês, sob a direção

de Charles de Gaulle, o que diz muito sobre a recepção dos romances que se dividiu em grande parte segundo orientações políticas pró ou contra a independência. O general De Gaulle havia chegado ao poder através de um golpe, possibilitado pela ascensão de forças conservadoras francesas face a possiblidade do esfacelamento completo do colonialismo depois do fracasso do exército francês na Indochina. A campanha do governo na metrópole e da administração colonial consistia em uma série de investimentos públicos desenvolvimentistas na Argélia, produções midiáticas permeadas pelo tom de superioridade civilizacional racista e atravessadas por questões de gênero que enfatizavam os ganhos da "modernidade" ocidental, - e um apelo especifico a situação das mulheres argelinas através de propagandas, concessão de direitos na forma de legislação, além das famosas campanhas de desvelamento.

Em linhas gerais, no ponto de vista da legislação esses direitos iam do voto às "leis de casamento" que diferiam do direito tradicional malékite vigente até então pela proibição do casamento forçado de meninas menores de 15 anos; a substituição do casamento arranjado pela livre escolha de ambas as partes; a abolição do repúdio – ato que permitia ao marido romper com a mulher apenas pela proclamação verbal, sem maiores justificativas ou responsabilidades perante a ex-esposa e os filhos; e ainda a afirmativa de que todas essas determinações deveriam passar por registros civis afim de controlar o cumprimento das legislações e de que os juízes resolveriam os casos sempre prezando pelos interesses das crianças e priorizando o suporte delas e das mães. Há várias hipóteses relacionadas à quem toda essa campanha se destinava, se ela visava ganhar o apoio da população argelina e minar as bases da FLN, apelando particularmente às mulheres, dado o expressivo engajamento feminino nos conflitos, ou se visava a opinião internacional e doméstica na França cuja população participou por meio de plebiscitos das decisões do governo francês relacionadas a manutenção das tropas. Parece haver um consenso nas publicações de que as mulheres assumiram o lado da FLN e a campanha francesa foi pouco efetiva. Ao contrário do que afirmou Fanon em *L'an V de la Revolution algerienne* que coloca o início da participação feminina como uma deliberação dos líderes da FLN quando os conflitos já haviam assumido ares críticos, a participação feminina na guerra se dá desde o início dos conflitos. Segundo Djamila Amrane, ela foi expressiva em relação ao número total de combatentes – *There were 10,949 fighting women, 3.1% of all those taking part in active combat.* Esse número, entretanto, só contempla as mulheres que tiveram seu estatuto de combatente reconhecido pelo governo revolucionário, e, ao que tudo indica, é uma estatística subestimada. Entretanto, é possível encontrar artigos sobre uma minoria que levou a sério a campanha francesa que já garantia as legislações para as mulheres, inclusive criticando estereótipos racistas por ela disseminados. Djamila Debeche, por exemplo, romancista já mencionada que tinha forte atuação com o movimento feminista internacional se naturalizou francesa no início da Guerra e se mudou para Paris. Esse tenso cenário explica tanto as críticas incisivas a Djebar quanto o porquê depois das publicações dos dois primeiros romances da autora Charles de Gaulle tentou pessoalmente fazer a autora retornar a França e concluir seus estudos na Escola Normal de Sèvres, convite o qual ela recusa.

Os dois primeiros romances da autora, provavelmente influenciados por publicações francesas que reclamavam a igualdade de direitos entre homens e mulheres como as de Simone de Beauvoir, trataram basicamente de problemas relacionados a realidade das mulheres argelinas, principalmente no que concerne às pressões psicológicas do casamento, da maternidade e do enclausuramento, que levavam as protagonistas, no caso de *La Soif* a atitudes extremas - como a tentativa de suicídio e um aborto clandestino que ocasiona a morte de uma das personagens - e foram atacados por parte da crítica nacionalista que taxou a autora de "não engajada". Em 1958, Djebar foge de Paris para a Tunísia, ela e o noivo, militante da FLN, estavam sendo perseguidos pela polícia francesa, a essa altura na Argélia, a casa de sua mãe já havia sido invadida e seu irmão também militante havia sido preso pela polícia colonial. A autora passa então a trabalhar no jornal *El Moudjahid*, colhendo testemunhos, principalmente de mulheres refugiadas da guerra nas fronteiras. O jornal, que assim como toda a organização era clandestino e por isso estava instalado na Tunísia, tinha Frantz Fanon como um dos quatro

coordenadores, se definia como órgão central da FLN, e parece ter tido participação não só de intelectuais, mas também de líderes do movimento, reivindicando uma autoria coletiva. As publicações do jornal eram destinadas a um público internacional, nesse momento a FLN já tinha passado por uma virada estratégica em direção a propaganda anunciada no congresso de Soumann, que segundo Stanton, atribuiu ao jornal uma nova importância, retomando a estratégia original dos líderes argelinos de levar a luta ao campo político, não apenas pela imprensa como pelo envio de militantes a vários países, inclusive ao Brasil e à América Latina.

A estadia de Djebar na Tunísia, trabalhando para o jornal é bastante curta, sabemos, entretanto, que enquanto trabalhava no jornal, Djebar chegou a discutir com Fanon seus projetos literários, e estava sendo pressionada por outros membros para produzir romances que retratassem as mulheres como heroínas nacionais. É nesse mesmo ano de 1959, que o jornal publica a coluna *Journal d'une Maquisarde* e que Fanon publica *L'an Cinq de la Revolution algerienne* (Sociologia de uma revolução). É possível que Djebar tenha influenciado Fanon em sua abordagem de gênero na obra mencionada. Djebar fica quase quatro anos durante a guerra sem publicar um romance e as vésperas da independência, em 1961, publica *Les Enfants du nouveau monde*, que traz à tona a experiencia de uma série de mulheres que tiveram suas vidas afetadas pela guerra, e que como analisamos em detalhes, se contrapõe diretamente em diversos momentos aos escritos de Fanon em *L'an cinq* sobre a situação das mulheres argelinas e suas experiencias na guerra. A autora evidencia mais conflitos em relação ao casamento, a maternidade e o enclausuramento do que Fanon que busca atenuá-los no capítulo "A Família argelina*".* Deixa claro ainda, por meio da trajetória de suas personagens, que as mulheres já tinham ações de resistência antes do nacionalismo e da guerra, e que nem todas as ações de engajamento das mulheres na guerra passavam pelo intermédio da organização. Diverge do autor ainda sobre a situação de inclusão/exclusão das mulheres nas redes de informação da militância – redes essas, que como destaca Fanon em "A voz da Argélia" eram centrais na atuação do organismo - o que pode ser deduzido pelo uso sistemático da tortura como estratégia de guerra pela polícia e o exército francês. O retrato de Djebar dos casais na militância e na guerra é ainda bem menos romantizado do que o de Fanon. *Les Enfants* nos apresenta cenas importantes de mulheres se engajando nos conflitos e é uma obra atenta aos diferentes papeis sociais que as mulheres ocupavam e como isso impactava em suas trajetórias.

Uma das coisas mais interessantes, de terem sido apercebidas durante a pesquisa sobre a biografia de Djebar no período, é que a mesma autora que é apontada como a primeira a publicar uma "outra versão" da história da participação das mulheres na guerra em *Les Enfants*, distinta daquela propagada pela FLN, na realidade também contribuiu com a construção do que Leonhardt aponta como *propaganda* da FLN em torno das mulheres:

> The FLN, however, had no problem using female fighters as propaganda for their cause. In response to the French emancipation reforms, the FLN launched its own publicity campaign, claiming "women could only achieve equality by fighting for a country freed from colonial domination." Expectations of women were not altered because of their participation in the war. These women received attention in the global media as heroines of the revolution who were challenging stereotypes of Muslim women as passive victims of Islamic male oppression. The FLN's wartime newspaper *El Moudjahid* published weekly excerpts from a diary of a young female fighter. They also publicized stories depicting the sacrifices of Algerian female fighters in order to incite international protest against the French regime, especially among left-wing intellectuals in Europe and the United States, portraying them as innocent victims against the French aggressors.

Os *weekly excerpts from a diary of a young female fighter* que Leonhardt cita, - ou seja, a coluna *Journal d'une Maquisarde* - foram escritos pela própria Djebar, segundo Christiane Achour, que afirma se trata de um escrito sobre vigilância e que teve seu discurso orientado, diz ainda que podemos nos perguntar porque a autora nunca reivindicou a autoria deste trabalho. Pelo breve contato que tivemos com a coluna já é possível observar que ela traz imagens chave do mundo das combatentes, mas com uma retórica excessivamente patriótica que não condiz com a de Djebar em *Les Enfants*.

PERSPECTIVAS DE CONTINUIDADE DA PESQUISA

A partir da biografia de Assia Djebar durante a guerra e da comparação de sua obra *Les Enfants du nouveau monde* (1961) com a obra *L'an cinq de la Revolution algerienne* (1959) de Fanon se colocam algumas questões. Qual foi a contribuição da autora no jornal *El Moudjahid*, em 1959, nas seis edições da coluna *Journal d'une Maquisarde*? E como Djebar continua a abordar as mulheres na guerra no romance *Les Alouettes Naives* (1967)? Há uma diferença no tratamento da autora dos testemunhos colhidos de mulheres durante a guerra no jornal, veículo oficial de propaganda internacional da FLN, em relação aos romances da autora onde ela tinha maior liberdade? Como se posicionam os outros escritos de Fanon, sabendo que eles dividem opiniões acerca de se contribuíram para a construção de uma mítica sobre as mulheres combatentes durante a guerra que serviu nas próximas décadas para coibir, silenciar e refutar as reivindicações de direitos das mulheres em relação ao estado revolucionário, ou se pelo contrário eles podem ser situado perto das autoras que inscreveriam as mulheres argelinas na história, como Djebar e Djamila Amrane. Como outras mulheres trabalharam testemunhos das combatentes? Existe uma "versão oficial" da FLN da história das mulheres da guerra? Se sim, o que esses testemunhos tem a dizer sobre ela?

FONTES ANALISADAS:

DJEBAR, Assia. *La soif*. Paris: Julliard, 1957.
DJEBAR, Assia. *Les Enfants du nouveau monde.* Paris: Julliard, 1962.
FANON, Frantz. *L'an V de la révolution algerienne.* Paris: Editions François Maspero, 1959.

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS

ACHOUR, Christiane Chaulet. Assia Djebar, quelques questions au parcours de l'écrivaine. Numéro spécial de la revue CELAAN, Janvier, 2015.
ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução: Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
AMRANE-MINNE, Danièle Djamila; ABU-HAIDAR, Farida. Women and Politics in Algeria from the War of Independence to Our Day. Research in African Literatures, Vol. 30, No. 3, Dissident Algeria (Autumn, 1999), pp. 62 -77.
CHATTERJEE, Partha. "Comunidade imaginada por quem?" in BALAKRISHNAN, Gopal (org). *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, pp. 227-238.
COOPER, Frederick. Conflito e conexão: repensando a História Colonial da África. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p.21-73, jul. 2008
GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
HELIE-LUCAS, Marie-Aimée. Women, Nationalism and Religion in the Algerian Liberation Struggle. Em: GIBSON, Nigel C. *Rethinking Fanon*: The Continuing Dialogue. New York: Humanity Books, 1999, p. 271 a 283.
LEONHARDT, Adrienne. Between Two Jailers: Women's Experience During Colonialism, War, and Independence in Algeria. *Anthós*, v. 5, n. 1, 2013.
LIPPOLD, Walter G. R. Frantz Fanon e a Rede Intelectual Argelina: Circulação de ideias e sujeito coletivo no jornal El Moudjahid (1956-1962). Tese de doutorado defendida na UFRS, Porto Alegre, 2019.
MACEY, David. Frantz Fanon: a biography. London: Verso, 2012,
MACMASTER, Neil. The Colonial "Emancipation" of Algerian Women: the Marriage Law of 1959 and the Failure of Legislation on Women's Rights in the Post-Independence Era. *Vienna Journal of African Studies*, n. 12, 2007
MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial*: Raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Tradução de Plinio Dentzien. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2018.
SHARPLEY-WHITING, T. Denean. Fanon's feminist consciousness and Algerian Women's Liberation: Colonialism, Nationalism, and Fundamentalism. Em: GIBSON, Nigel C. *Rethinking Fanon:* The Continuing Dialogue. New York: Humanity Books, 1999.
SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
WADOWIEC, Jaime. Muslim Algerian Women and the Rights of Man: Islam and Gendered Citizenship in French Algeria at the End of Empire. French Historical Studies, Vol. 36, No. 4 (Fall 2013)
WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.